



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

“Corpos Cibernéticos”: cartografias das representações e identidades no Ciberespaço”

Alonso Lima de Souza¹; Antonio Almeida da Silva²

1. Alonso Lima de Souza, PIBIC/FAPESB, CIENCIAS BIOLÓGICAS, e-mail: alonsolima.89@gmail.com

2. Antonio Almeida da Silva, DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, e-mail: aasilva3@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: ciborgue; ciberespaço; performance.

INTRODUÇÃO

Existe um "mundo" virtual que carregamos nos bolsos que permite que percamos menos tempo com deslocamentos físicos e resolução de tarefas simples, otimizando nossas rotinas e dando-nos mais tempo para multitarefas complexas, criando uma espécie de extensão cibernética do corpo. Esses dispositivos não só facilitam a comunicação e o acesso à informação, mas também transformam a maneira como navegamos e interagimos com o mundo ao nosso redor. Esse fenômeno pode ser visto como um tipo de evolução humano-tecnológica, em que não se sabe onde uma começa e outra termina.

A reflexão sobre essas mudanças é crucial para entendermos melhor não apenas como usamos a tecnologia, mas como ela nos molda, nossas relações e nossa percepção do mundo. É um convite para pensar sobre o futuro da interação humano-máquina e as implicações éticas, sociais e culturais que isso implica.

A necessidade de entender essas representações torna-se crucial à medida que influenciam normas sociais, padrões de comportamento e a construção da autoimagem. Portanto, uma investigação sobre como esses "corpos cibernéticos" são representados e percebidos no ciberespaço pode oferecer insights valiosos sobre a dinâmica cultural contemporânea e futura.

Nas cartografias da mídia e do ciberespaço, FKA Twigs e Arca afluam como arquitetas de uma revolução desobediente do corpo, tecnologia e arte. Seus trabalhos transcendem a música para criar o novo, onde o corpo não deve ser apenas uma estrutura estática e imutável, mas um campo de batalha e inovação. Reconfigurando o corpo na ficção científica, seus trabalhos que a mídia e a arte pop são laboratórios radicais. Nesse

sentido, o corpo é o mapa do indivíduo, suas cartografias constroem sua identidade e o corpo não é prisão, mas ato contínuo de reinvenção.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa e empregou uma análise de conteúdo pela perspectiva de Bardin (Valle, 2025). O processo de análise dos dados foi construído a partir da plataforma digital (Instagram), seguindo fases cronológicas: **1ª fase**, sendo a coleta e organização do material dos encontros digitais (artista-público); **2ª fase**, separação das categorias dos materiais encontrados (de acordo com o teor da interação com o público, fandom x hate); **3ª fase**, do tratamento e inferência, estabelecendo um diálogo teórico sobre modernidade e identidade (Giddens, 2002).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Existe uma padronização dos comportamentos, próprios da sociedade ocidental, heteronormativa e patriarcal. Toda a diversidade é, evidentemente, marginalizada e submetida a um estranhamento que nega sua existência. Nesse sentido, somente os devidamente aprovados pelas ciências, mediadas pelos tratamentos médicos, se encaixam nesse padrão comportamental. A metáfora do ciborgue proposta por Haraway (2009) é uma alteração do código-fonte original, subvertendo-o. O conceito de ciborgue ressoa fortemente nessas composições, em que os elementos mecânicos se integram à anatomia humana, apresentando adaptações que remetem tanto a próteses biomédicas quanto a exoesqueletos encontrados na natureza.

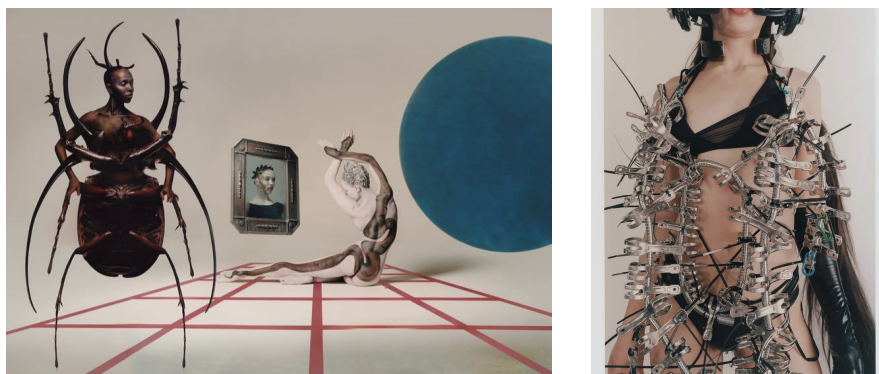


Figura 1 e 2: FKA e Arca, respectivamente. Fonte: Instagram, 2025.

A FKA provoca uma fusão entre o biológico e o tecnológico, criando representações híbridas que tensionam os limites do corpo humano e sua relação com o ambiente, formas, objetos e percepção, um corpo técnico-orgânico. Pondo em composição as combinações anatômicas animais futuristas (como a morfologia de um besouro). A Arca causa uma crítica à tecnificação do corpo e à desumanização na era digital. Elementos como os grampos, pinos e placas de aço inoxidável cirúrgicos, que são

objetos na medicina, adquirem um novo significado ao serem incorporados de maneira invasiva no corpo da pessoa. Isso pode ser interpretado como uma metáfora para a forma como a tecnologia molda, restringe e até aprisiona os corpos na contemporaneidade, mas também pode dar suporte, suspensão, resistência ao corpo que é agredido no mundo e que agora consegue ter a força de um corpo biomecânico para existir.

A “educação ciborgue” descarta currículos binários e acolhe a instabilidade como metodologia. O corpo humano é laboratório inspirado pelas terapias ocupacionais do ciberespaço, oficinas de DIY, sempre experienciando a corporeidade como processo inacabado, sendo o ciborgue um estado permanente, em que os seres vivem em reprogramação nas interfaces das mídias digitais (Palivanov, 2019). Entre os algoritmos das redes, os comentários, curtidas e emojis tornam os perfis da FKA Twigs e Arca em grandes “salas de aulas”, um novo modelo pedagógico de interatividade cultural, revelando os afetos e violências no ciberespaço.



Figura 3 e 4: Comentários encontrados nas redes das artistas. Fonte: Instagram, 2025.

Nesse recorte, observa-se a síntese do reconhecimento da estética pós-humana/tecnológica proposta pela Arca. O uso do termo “AF” é uma gíria para *Ass Fuck*, que intensifica a percepção de um corpo Trans-cendendo radicalmente os limites da biologia tradicional. Pedagogicamente, nos revelando como essa linguagem digital cria atalhos e proximidades que normalizam a transhumanidade. O segundo recorte põe em dúvida se o ciborgue pode não ser apenas modificações, mas uma realidade viva, corpo e performance. A dúvida aparece como uma sinalização da ruptura do orgânico com o tecnológico, em que um começa e onde o outro termina, questiona os limites do outro e seus próprios, “somos todos ciborgues” revela tensões entre os corpos, tecnologias e os ciberespaços e a partir dela poder explorar os limites e até onde eles vão.

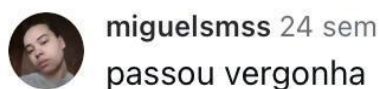


Figura 5: Comentários encontrados nas redes das artistas. Fonte: Instagram, 2025.

Nesse recorte, há o encontro em como a politização da internet em massa fica cada vez mais fácil. A comunicação entre jovens que utilizam sociais populares, de forma que o

Brasil é um país continental e gírias e modos de fala tem suas derivações, a cultura pop tem um fandom com muitos seguidores. Cantoras como FKA e Arca passam a ser alvo de rivalidade com as fandoms de outras artistas. Assim, surgiu uma rede de ataque, o *hate*, em que até os fãs atacam seus artistas favoritos como uma forma de chamar a atenção desejada, potencializada pela segurança de estar atrás de uma tela. Recentemente vem sendo difundida e popularizada uma onda de coachrização, na qual é apresentado aos jovens nas redes sociais como ser um homem alfa e tratar mulheres como quiserem, a submissão, de um corpo, uma cor, um jeito ideal de comportamento, partido político, religiosidade, a misoginia gourmetizada para os Incels, que espalham suas ideias pelas redes sociais até alcançar nichos específicos, como os da FKA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A análise de conteúdo das performances traçou as aprendizagens dos ciberespaços a partir das categorias estabelecidas (Valle, 2025) e como as representações oferecem ferramentas de imaginação corporal mais plurais e a biologia sendo frequentemente representada como algo que pode ser aprimorado ou modificado pela tecnologia, o projeto reflexivo do eu na luta pelo espaço no ciberespaço (Giddens, 2002). O ciberespaço revelou ser uma poderosa ferramenta de pedagogia paradoxal, em que onde os algoritmos censuram, mas falhas criam brechas em que as performances dos corpos conseguem espaço, do mesmo modo que o preconceito nos comentários também consegue espaço. Haters atacam, mas corações invadem as publicações. A coachrização exige performance, mas corpos ciborgues respondem com radicalidade de si mesmos, uma narrativa em constante transformação, engajando uma nova narrativa biográfica (Giddens, 2002). Cartografar o ciberespaço é um ato radical, mapear que outros corpos são possíveis enquanto é construído pixel por pixel, frame por frame nas linguagens do ciberespaço, restará saber se somos todos ciborgues.

REFERÊNCIAS

- HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue** : as vertigens do pós-humano – 2. ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.
- PALIVANOV, Beatriz. **Identidades na contemporaneidade**: Uma reflexão sobre performances em sites e redes sociais. Revista do Centro de Pesquisa e Formação / Nº 8, julho 2019. Disponível em:
<https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/ef7ed940/ac81/4b23/8273/79b971fc5666.pdf>
Acessado 8 Maio 2024.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- VALE, P.R.D.; FERREIRA, J.D.L.. Análise de Conteúdo na Perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação . Educação em Revista , v. e49377, 2025.